

Participação política na Universidade: ação de docentes de um curso de enfermagem

Political participation in the University: actions of professors of a nursing course

¹ Caroline Lemos Martins 

² Sônia Maria Schio 

³ Adrize Rutz Porto 

⁴ Íria Ramos Oliveira  

⁵ Michelle Barboza Jacondino 

⁶ Maira Buss Thofehn 

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração fenomenológica, fundamentada nas ideias de Hannah Arendt e por objetivo compreender a ação dos enfermeiros-docentes enquanto agentes políticos na Universidade e nos espaços de participação política. A “teia de relações humanas” estabelecida pelos enfermeiros-docentes na Universidade e em outros espaços ocorre quando eles demonstram a sua singularidade, natalidade, liberdade, igualdade e cidadania. Contudo, os participantes relataram dificuldades em distinguir-se e singularizar-se por meio da ação e do discurso nos espaços públicos da Universidade e externos. A ausência dos docentes nas discussões nas reuniões, afetam as tarefas relacionadas à docência, ensino e saúde. Considera-se a participação dos enfermeiros-docentes nos espaços públicos, imprescindível para a formação de enfermeiros críticos e reflexivos a respeito da realidade, desta maneira, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas que tenham como foco a ação do enfermeiro-docente, de maneira a proporem estratégias que permitam a esses atuarem mais intensamente como agentes políticos.

Palavras-chave: Enfermagem. Ensino Superior. Condição Humana.

ABSTRACT

This is a qualitative research of phenomenological inspiration, based on Hannah Arendt's ideas, with the purpose of understanding the action of nurse-teachers as political agents at the University and in spaces of political participation. The “web of human relationships” established by nurse-teachers at the University and in other spaces occurs when they demonstrate their uniqueness, natality, freedom, equality, and citizenship. However, participants reported difficulties in distinguishing and singularizing themselves through action and discourse in public spaces at the University and externally. The absence of faculty members in discussions at meetings, affect tasks related to teaching, teaching and health. The participation of nurse-teachers in public spaces is considered essential for the formation of nurses who are critical and repective about reality. In this way, we suggest the development of research that focuses on the action of nurse-teachers, in order to propose strategies that allow them to act more intensely as political agents.

Keywords: : Nursing. Higher Education. Human Condition

1 Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Pelotas

2 Doutora em Filosofia. Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas

3 Doutora em Enfermagem. Professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas

4 Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas

5 Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Pelotas

6 Doutora em Enfermagem. Professora aposentada da Universidade Federal de Pelotas.

1 INTRODUÇÃO

As atividades realizadas pelos docentes nas Universidades são múltiplas e complexas, pois englobam o ensino, a pesquisa, a extensão, a gestão, as atividades administrativas, entre outros, que exigem alta performance psicoafetiva, cognitiva e física dessas pessoas. A prática docente também é resultante das histórias pessoais, políticas e sociais de cada profissional, que contribuem para a elaboração dos saberes, práticas e atitudes (LAZZARI et al., 2019; D'OLIVEIRA et al., 2017).

A filósofa política Hannah Arendt (1906-1975) forneceu embasamento teórico filosófico a respeito de como o ser humano se relaciona a partir de suas atividades políticas e sociais (ZAMBAM; FRÖLICH, 2018). Para Arendt, a vida do ser humano apresenta duas dimensões de igual valor: a vida ativa e a vida contemplativa. A vida ativa é composta pelo cuidado com o corpo (labor), o fazer (work) e ação (action). O labor refere-se à manutenção da existência do corpo humano, a “condição humana da vida”. Ao work cabe à construção de objetos por meio do esforço humano, isto é, a produção e trata-se da “condição humana da mundaneidade”. A action ocorre quando os seres humanos agem e falam quando estão entre iguais, e é denominada “condição humana da pluralidade” (SCHIO, 2017). A vida contemplativa refere-se ao pensar, ao querer e ao julgar e estão presentes na obra inacabada da autora “A Vida do Espírito”.

A action ocorre quando as pessoas se reúnem para discutir os assuntos comuns na pluralidade, e para que ela ocorra é preciso que haja igualdade, liberdade e singularidade (ARENDT, 2016; SCHIO, 2017). A ação possui três características: a imprevisibilidade, a irreversibilidade e a ilimitação, as quais acontecem quando o ser humano participa da teia de relações humanas. Isto é, o agente não pode prever os resultados da ação, nem desfazer os atos do passado, além de não poder limitar e nem saber como ela irá findar (ARENDT, 2016).

Ao analisar a action docente no ensino superior entende-se que ela ocorra quando o docente desperta o novo, entendido como natalidade, posiciona-se por meio do discurso e da ação e se estabelece no espaço público, ao propor discussões sobre as condições em que o seu work é realizado, por exemplo, nos espaços de decisão da universidade, no sindicato ou na sociedade (ARENDT, 2016; CORREA; BAZZO 2018; RODRIGUES; SOUZA, 2018).

Na universidade, a vivência do espaço público com os pares nas reuniões de Departamento e de Colegiado da Graduação e da Pós-Graduação, nos componentes curriculares, nos projetos de ensino, pesquisa e extensão, os docentes podem utilizar a action para expor a sua singularidade e contribuir por meio do discurso para a inovação das suas práticas e vivências, ao permitir a realização de um ensino transformador e significativo para os docentes, estudantes e sociedade. A participação ativa do docente por meio da ação permite a modificação da prática formativa, pois possibilita ao docente se sentir pertencente ao um projeto conjunto, ao expor as suas opiniões, conhecimentos e valores (ARENDT, 2016; LESSARD, 2006; MAGALHÃES; FAÏTA, 2020).

No tocante a ação do enfermeiro-docente, entende-se que esta atividade ocorre quando o agente participa das reuniões para o planejamento e a execução das atividades relacionadas ao ensino, a pesquisa, a extensão e aos cuidados de saúde aos seres humanos nos serviços de saúde (ZAMBAM; FRÖHLICH, 2018). Nesse sentido, importa conhecer quais são os espaços de atuação política do enfermeiro-docente, e como eles percebem a sua atuação nesses espaços. Sendo assim, este artigo tem por objetivo compreender a percepção dos docentes do curso de enfermagem enquanto agentes políticos na universidade e nos espaços de participação política.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica. Do total de 37, foram entrevistados 20 enfermeiros-docentes, o que contempla dois participantes de cada componente curricular, de um total de dez componentes curriculares. Os participantes são enfermeiros-docentes da Faculdade de Enfermagem da Universi-

dade Federal de Pelotas (FEn/UFPel), situado no Campus Porto/Anglo, no município de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul. A FEn/UFPel promove ensino de graduação, de pós-graduação lato sensu e stricto sensu, além de atividades de extensão e pesquisa (BRASIL, 2021).

As entrevistas foram do tipo fenomenológica e ocorreram no período de março a maio de 2017, no local de preferência do entrevistado. Os participantes foram identificados pela sigla “ED” de “enfermeiro-docente”, sendo acrescido um número de um a 20. Fazer parte do quadro efetivo de enfermeiros-docentes e atuar, no mínimo, há seis meses foram os critérios de inclusão. Os enfermeiros técnico administrativos em educação, substitutos, docentes de outras áreas de conhecimento, participantes das bancas de projeto e de tese e os afastados por licença-saúde foram excluídos do estudo.

A entrevista fenomenológica teve como questão inicial: “fale-me, por favor, sobre a sua experiência vivida como enfermeiro-docente, em relação às instâncias de participação política”. Durante a primeira entrevista, percebeu-se a dificuldade do participante e da pesquisadora em retomar as relações interpessoais estabelecidas no cotidiano do enfermeiro-docente. Desta forma, no decorrer das próximas, após a questão inicial, era elaborada uma figura com cada participante, com o objetivo de visualizar todos os sujeitos envolvidos no fazer (work) e na vida do enfermeiro-docente e assim, os participantes iam conduzindo os seus relatos conforme as suas vivências e experiências com essas pessoas.

Sendo assim, a entrevista fenomenológica auxiliou na obtenção de informações significativas sobre a experiência vivida dos enfermeiros-docentes da FEn/UFPel, permitindo um processo de interação e de diálogo entre a entrevistadora e o entrevistado, possibilitando a ele reconhecer, descrever e expressar a sua experiência e os significados em relação às situações vividas.

Os conteúdos obtidos das entrevistas foram gravados e transcritos na íntegra, sendo submetidos a análise hermenêutica (RICOEUR, 1983; MILBRATH, 2013). Para complementar o conteúdo dos áudios e auxiliar na posterior análise das informações, ao final de cada transcrição, foram realizadas anotações sobre as observações e as reflexões da pesquisadora a respeito de cada entrevista (TERRA et al., 2009). Com os textos transcritos, organizados e impressos, realizou-se a leitura atenta e sucessiva deles, para que fosse possível compreender os significados expressos pelos participantes. Ao passar os discursos da fala para a escrita, eles foram colocados ao “abrigo da destruição”, pois “a escrita torna o texto autônomo em relação à intenção do autor”. Por isso, os textos passaram a ter autonomia em relação aos investigados, sendo expostos a sucessivas leituras (RICOEUR, 1983, p. 53).

Após procurou-se compreender e interpretar os efeitos de sentido, interpretar o que foi dito pelos investigados e elaborar as unidades de significação (MILBRATH, 2013). O distanciamento da fala em relação à escrita foi entendido como a condição para realizar a interpretação, pois a passagem da fala para a escrita afetou os discursos de vários modos e revelou o mundo do texto, ou seja, o discurso dos enfermeiros-docentes em relação às suas experiências. Foi possível interpretar a proposição de mundo dos entrevistados em relação ao ser, o fazer, o ensinar e o aprender em Enfermagem, por meio da compreensão da sua condição humana (RICOEUR, 1983; ARENDT, 2016).

E então buscou-se interpretar e expressar os significados de cada palavra, do dito e do não dito no discurso dos participantes, de forma a completar o círculo hermenêutico (MILBRATH, 2013). Por meio da apropriação e do distanciamento foi possível compreender os sentidos atribuídos às situações vividas pelos enfermeiros-docentes da FEn/UFPel. No processo de compreensão e de interpretação humana por meio do círculo existencial-hermenêutico, notou-se que o todo significativo (ou seja, a condição humana do enfermeiro-docente) ocorreu a partir de uma perspectiva de espaço e de tempo e decorreu da forma como se organizam as partes (por exemplo, cada enfermeiro-docente) e o todo significativo, ou seja, o processo histórico.

Desta forma, ao interpretar, por meio do círculo existencial-hermenêutico, foi possível atribuir diferentes significados às experiências vividas pelos participantes, à medida que buscou-se o movimento dialético entre o compreender e o interpretar o vivido por eles (ESPOSITO, 1994). Finalmente, a compreensão da experiência vivida pelos enfermeiros-docentes, ocorreu por meio da descrição da rede de significados encontrados nos discursos dos participantes e fundamentados no referencial teórico de Arendt (2016).

Os princípios éticos foram garantidos aos participantes respeitando a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel, sob o número 1.873.415 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética 63109716600005317.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil predominante dos participantes do estudo foi do sexo feminino, com idades entre 29 e 62 anos, em união estável e com um a dois filhos. Todos graduaram-se em universidades públicas e 15 entrevistados graduaram-se na própria instituição pesquisada. Todos os participantes são doutores, nas seguintes áreas: enfermagem, epidemiologia e educação. Um docente possui pós-doutorado.

Vivência política dos enfermeiros-docentes

Ao serem questionados sobre os espaços de participação política, conforme o pensamento arendtiano, nota-se que os enfermeiros-docentes reconhecem a reunião de Departamento e de Colegiado da Graduação e da Pós-Graduação como um espaço que permite a fala e a discussão dos assuntos em comum.

[...] é um ambiente que tem várias opiniões, vários posicionamentos. A gente se posicionar é um desafio [...] as decisões são bem coletivas, tanto que a gente tem muitas reuniões. [...] Todos têm a oportunidade de se manifestar. ED03

[...] não é, necessariamente, um espaço que acolha as tuas necessidades enquanto agente político. Porque, tu precisas de outras negociações para que isso ocorra de uma forma que as tuas necessidades sejam aceitas. [...] Tu tens esse espaço, tens essa possibilidade de manifestação, mas [...] a maioria vai decidir! ED06

Nas reuniões há a presença de vários posicionamentos dos enfermeiros-docentes, os quais expressam as suas singularidades. Estes espaços são considerados públicos, pois permitem que os enfermeiros-docentes possam pensar, falar, julgar, manifestar-se, acompanhar as reflexões dos outros e fazer projetos em conjunto. É neste momento que se estabelece a “teia de relações humanas” dessas pessoas, em que elas podem votar, dialogar, persuadir, argumentar, posicionar-se e propor mudanças frente aos assuntos relacionados, por exemplo, ao ensino, a organização dos componentes curriculares e ao seu próprio fazer (work) (ARENDT, 2016).

Este espaço é considerado uma pólis à medida que os indivíduos colocam suas opiniões por meio do discurso e da ação, sendo considerados espaços de aparência dentro da FEn/UFPel. Contudo, nem sempre esta experiência é tranquila, pois os participantes reconhecem que as decisões da maioria não contemplam o desejo de cada um. Isto ocorre pois há a presença da singularidade e cada cidadão possui um posicionamento e uma opinião frente aos assuntos que são discutidos (ARENDT, 2016; SCHIO, 2017).

A liberdade política nesses espaços permite à pessoa falar sem constrangimento ou autoritarismo. A igualdade relaciona-se à capacidade de ouvir uns aos outros, de tecer planos e de firmar acordos, porém, cada pessoa mantém a sua singularidade que é expressa na ação e no discurso. Sendo assim, é na pluralidade que a política se estrutura, por meio da participação e da deliberação de todos, na busca para a resolução de conflitos por meio

do diálogo e da persuasão, o que possibilita a realização de promessas e o engajamento no cumprimento dos assuntos preestabelecidos (ZAMBAM; FRÖHLICH, 2018).

Além da participação nas reuniões do Colegiado e de Departamento da FEn/UFPel, os depoentes também relataram a sua vivência política em outros espaços públicos na Universidade.

Internamente, eu atuo em todos e sempre vou colocar a minha posição! [...] Esse é o compromisso com o lugar que eu estou. Então, internamente, tenho um espaço de discussão do Colegiado, do Departamento, agora, dos Departamentos, da Direção, das reuniões administrativas com os servidores. ED05

Participo da reunião do Departamento como professora, participo do CD [Conselho Departamental], participo da reunião do Colegiado da Pós e do Colegiado da Graduação. [...] Esses espaços são importantes para a gente ocupar [...] porque são espaços de discussão, de decisão. [...] se não te posicionas ou não vais, tu acabas sendo “patrolado” por várias coisas que acontecem ali. ED13

A vivência política realizada nos espaços de decisão do Conselho Departamental, Colegiado da Graduação e da Pós-Graduação, as reuniões dos componentes curriculares e as comissões internas permitem que o indivíduo compreenda quem ele é e o seu papel na Universidade. Além disso, esses espaços permitem aos enfermeiros-docentes conhecer o funcionamento da estrutura da Universidade e participar das decisões que afetam o seu *work*, o ensino-aprendizagem e os cuidados aos usuários da saúde. Nesses espaços eles podem agir conjuntamente, por meio do consenso, da participação e do debate entre os membros do grupo.

Desta maneira, surge o poder, o qual corresponde à condição humana da pluralidade e permite que os indivíduos possam agir em conjunto. É importante considerar que o poder é diferente da força coercitiva e da violência, a qual contribui para a destruição do poder criativo e da dignidade humana (ARENDT, 2016).

O sindicato também é uma importante instância de decisão para os docentes. Contudo, embora os entrevistados tenham comentado sobre a importância deste espaço como uma instância deliberativa para a discussão das questões que afetam o seu fazer e a sua vida, eles reconhecem a dificuldade de conciliar a vida pessoal e as tarefas da docência para participarem.

O trabalho como docente também envolve outros espaços, os sindicatos. Porque lá também é um local de formação, uma formação política. ED10

Eu já tive a oportunidade de participar do sindicato por opção, porque eu queria me envolver com as questões que mexem nas estruturas principais da instituição e do ensino em si. Mas, às vezes não damos conta [...] porque os compromissos têm choques de horários, não tem uma organização. ED16

O sindicato é um local em que são discutidas as questões que afetam a Universidade e o fazer deles. Considera-se que os sindicatos dos docentes promovem um movimento de resistência à precarização das universidades e das atividades docentes, a diminuição do assédio moral e a luta em defesa da saúde desses indivíduos. Mas, para que isso ocorra, é preciso que os docentes estejam articulados, que participem ativamente da organização sindical e se fortaleçam politicamente. Como alternativa para ampliar a participação dos trabalhadores nos sindicatos, sugere-se a organização de fóruns locais que permitam a troca de experiências e a elaboração de propostas conjuntas para serem discutidas e avaliadas pelo grande grupo (RODRIGUES; SOUZA, 2018).

Dificuldades para desenvolvimento da ação pelos enfermeiros-docentes

Embora as reuniões de Departamento e de Colegiado sejam considerados espaços públicos de participação do enfermeiro-docente, alguns participantes relataram dificuldades em se posicionar nesses espaços ou também não desejam distinguir-se e singularizar-se por meio da ação:

[...] às vezes, a gente silencia, [...] talvez, por não concordar ou por pensar completamente diferente. Não deveria! A gente deveria dizer o que a gente pensa! Mas, às vezes, a gente acaba silenciando. ED02

[...] muitas vezes, quando tu colocas alguma opinião [...] alguém vai ter algum posicionamento, provavelmente, contrário. Isso eu acho que às vezes inibe. [...] As pessoas, de alguma forma, não se sentem livres para utilizarem esse espaço. ED15

Observa-se nos depoimentos que os enfermeiros-docentes ao “silenciarem” frente aos assuntos expostos, estão renunciando a sua ação o que pode resultar no sentimento de isolamento ao não participarem da esfera pública, por inibição ou sensação de impotência, mesmo que tenham razão em suas escolhas (ARENDT, 2016). O discurso permite melhorar as condições para uma vivência digna, desta maneira, “calar a voz” é ir “contra” a condição humana e a possibilidade de singularizar-se. É possível considerar que o mutismo é uma violência à condição humana, pois o discurso e a ação possibilitam a cada ser humano a oportunidade de ser protagonista da sua história, ao mesmo tempo em que convive com os outros em pluralidade (ZAMBAM; FRÖHLICH, 2018).

A ausência de participação de todos os docentes nesses espaços permite que um pequeno grupo escolha e determine os assuntos que serão discutidos e decididos. Contudo, esta apatia ocorre por não existir uma tradição de espaço e de vida política na sociedade, o que torna esta atividade mais difícil para as pessoas (SCHIO, 2018). Nota-se que mesmo para decidir as questões que possuem em comum, como o ensino, a pesquisa e extensão, os enfermeiros-docentes possuem dificuldades em dialogar e se unir em *action*.

Há também a percepção de que algumas decisões ocorrem “a portas fechadas” por parte das chefias, o que fragiliza a participação dos enfermeiros-docentes nas decisões que afetam o grupo.

[...] tem questões que, às vezes, são organizadas de “portas fechadas” e vêm aquelas propostas “meio prontas”. A gente tem que fazer várias discussões de resistência, para tentar fazer valer o que todo um grupo tinha feito de trabalho. [...] A gente quer ter a possibilidade de discutir essas questões frágeis que nos incomodam tanto. ED01

Eu percebo que, talvez, a maioria das decisões já vieram pré-determinadas. A discussão ali foi só uma estratégia para justificar que foi o coletivo que decidiu. ED09

A centralização das decisões pelas chefias ou pequenos grupos contribui para o distanciamento e o isolamento de alguns enfermeiros-docentes. A ausência de participação política por parte deles pode ocorrer pelo receio de que, ao se exporem e reivindicarem melhores condições para o seu trabalho, possam sofrer algum tipo de represália ou punição. Nota-se, então, o esvaziamento político das opiniões desses indivíduos no espaço público do curso de Enfermagem, o que contribui para uma menor participação política nas decisões que afetam o seu fazer, além de fragilizar as relações e as dinâmicas de cooperação entre eles (RUZA; SILVA, 2016).

A *action* possui como característica ser ilimitada e imprevisível o que permite aos enfermeiros-docentes se afastarem do discurso e da ação por desconhecem as consequências de seus atos. Contudo, eles precisam elaborar estratégias para que não se sintam isolados, atomizados, privados da ação e da esfera pública; pois ao participarem ativamente das decisões e dos projetos conjuntos, eles podem elaborar novas realidades e assumirem o compromisso e a responsabilidade pelo mundo da docência em Enfermagem (ARENDT, 2016; SCHIO, 2010; PIRES, 2015).

Particip(ação) do enfermeiro-docente nos espaços públicos além da FEn/UFPe

A ação e o discurso mediam os assuntos que variam de grupo para outro, sendo os indivíduos aproximados pelo mundo das coisas que possuem em comum (ARENDT, 2016). Neste contexto, destacam-se as políticas públicas e os cuidados à saúde dos usuários do Sistema Único de Saúde. O Conselho Municipal de Saúde do Município de Pelotas/RS foi relatado como um espaço público que permite a *action* dos enfermeiros-docentes, mesmo que escassa:

[...] o Conselho Municipal de Saúde é um âmbito que eu não frequento. [...] Eu preciso melhorar nesse sentido, de participar mais dos espaços de sindicatos, Conselho Municipal de Saúde. ED03

[...] a minha participação no Conselho foi muito importante. Eu aprendi muita coisa da política de saúde que eu não tinha nem ideia. ED04

Quando eu ingressei na escola, eu fui para Atenção Básica, na disciplina de Saúde Pública. E eu ia com os alunos na reunião do Conselho Municipal de Saúde, porque eles tinham que ver os diferentes espaços e em alguma [reunião] eu ia também. ED12

Os Conselhos Locais e Municipais de Saúde são entendidos como espaços importantes para a atuação dos profissionais de saúde junto à população, na busca por alternativas coletivas para a melhoria das condições de vida no território, ao promoverem a saúde e fortalecerem a cultura de participação popular (GREGORIO *et al.*, 2017). Para os participantes, o Conselho Municipal de Saúde é um espaço importante para o exercício da cidadania. Porém ela ocorre apenas quando essa atividade está prevista no currículo e é parte integrante das atividades da docência. Considera-se que os enfermeiros-docentes entrevistados utilizam pouco do Conselho Municipal de Saúde para exercerem a política e agirem para melhorar a qualidade da atenção à saúde da população.

Pode-se considerar que, na perspectiva arendtiana, os enfermeiros-docentes desenvolvem os papéis de docente, de enfermeiro e de cidadão, além dos relacionados à vida privada, como mãe, pai, filho, amigo, entre outros. Isto demonstra a multiplicidade de papéis existentes na vida deles, os quais podem impactar na maneira como eles vivenciam ou não os diferentes espaços.

A ausência ou o pouco envolvimento dos participantes nos espaços públicos e políticos fora do ambiente da Universidade foi justificada pela “falta de tempo”, pois acredita-se que eles priorizem as tarefas do *work* e do labor em detrimento da *action*. Como é possível observar nos relatos a seguir em relação aos motivos pelos quais não participam de espaços públicos e políticos fora da universidade:

Eu gostaria muito de participar dentro do comitê da área em que eu pesquiso [...] não vejo tempo para fazer isso e o pouco tempo que eu tenho para meu filho, eu teria que tirar. [...] Eu tenho que priorizar! ED16

Eu acho que deveria estar mais inserida em alguns espaços, mas às vezes é por conta do próprio processo de trabalho que te gera demandas [...] pela sobrecarga. Eu teria que abrir mão, talvez, de algumas coisas para poder participar de outras, para isso eu teria que me organizar. ED19

Nota-se nos depoimentos que as atividades relativas à *action* são consideradas menos relevantes e importantes para os entrevistados, pois a ênfase da vida deles está nas tarefas da docência e na família. Sendo assim, este ser humano não pode ser considerado um cidadão, conforme o pensamento arendtiano, uma vez que ao não participar da esfera pública, ele torna-se um ser humano desligado do mundo, desinteressado e indiferente, afastado do convívio com os outros e do espaço em comum, utilizando-se deste espaço apenas para a defesa de seus interesses, preocupações e intenções (SCHIO, 2012).

A modernidade favoreceu o afastamento das pessoas do espaço público, ao contribuir para uma sociedade despolitizada, competitiva e individualista, e isto ocorreu devido a esfera social, na qual houve a “perda da fronteira entre o público e o privado” (SILVA; XAVIER, 2015). O enfraquecimento da participação política dos docentes, além de prejudicar a autonomia docente, culmina no encarceramento do pensamento crítico e revolucionário sobre a realidade e isso pode impactar tanto no ensino quanto na vida das pessoas (SANTOS; ZANARDINI; MARQUES, 2020).

A participação dos enfermeiros-docentes nos espaços políticos precisa ser estimulada por eles e pelas próprias chefias, com o intuito de realizar mudanças e contribuir para a melhoria das relações e dos processos de ensino na universidade e nos serviços de saúde. Além disso, a participação dessas pessoas em outros espaços públicos fora da Universidade contribuiria para o enriquecimento das discussões e o debate de ideias, tendo em vista os conhecimentos teórico-práticos, as experiências e expertises desses profissionais.

As Universidades também poderiam estimular a participação dos docentes em outros espaços, por exemplo, ao disponibilizarem carga horária para esta finalidade. Ainda, a participação dos enfermeiros-docentes nos espaços públicos, contribui para a formação de enfermeiros críticos e reflexivos a respeito da realidade, para que possam no futuro ter segurança e autonomia de pensamento para se posicionarem e debaterem sobre as questões afetam a população (VIEIRA; SIQUELI; NETO, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “teia de relações humanas” estabelecida pelos enfermeiros-docentes na Universidade e em outros espaços ocorre quando eles demonstram a sua singularidade, natalidade, liberdade, igualdade e cidadania. Contudo, esta atividade da vida ativa tem se mostrado menos relevante para eles, uma vez que a sua prioridade tem sido as tarefas da docência e a sua vida privada.

Diante do exposto, nota-se que os enfermeiros-docentes entendem a importância da *action* para as suas vidas, uma vez que possibilita o diálogo, a tomada de decisão e as mudanças nos espaços em que atuam. Entretanto, esta experiência tem se mostrado aquém do almejado, já que possuem receio em expor as suas opiniões ou entendem que as decisões acabam sendo influenciadas por pequenos grupos.

Acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para a reflexão dos enfermeiros-docentes no que diz respeito aos aspectos que influenciam a sua vida e a docência e para que atuem por meio da *action* para modificarem, em conjunto com seus pares, os processos de sofrimento e de adoecimentos vivenciados na universidade. Ao ocuparem esses espaços públicos e políticos, eles podem qualificar o seu processo de *work*, isto é, o ensino-aprendizagem em Enfermagem e os cuidados de saúde.

Como lacuna, observou-se a dificuldade dos enfermeiros-docentes em se perceberem como agentes políticos no espaço da Universidade e fora dela, por exemplo, nos Conselhos Municipais de Saúde, nas representações sindicais e nos serviços de saúde. Ainda, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas que tenham como cerne a *action* do enfermeiro-docente, de maneira a proporem estratégias que permitam a esses atuarem mais intensamente como agentes políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 12. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- BRASIL. Universidade Federal de Pelotas: **Portal Institucional**, 2021. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/cod/1200> Acesso em: 10 mai. 2021.
- CORREA, Luciana Flor; BAZZO, Walter Antonio. Contribuições da abordagem ciência, tecnologia e sociedade para a humanização do trabalho docente. **Revista Contexto & Educação**. Florianópolis, v. 32, n. 102, p:57–80, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2017.102.57-80>. Acesso em: 11 mai. 2021.
- D'OLIVEIRA, Camila Arantes Ferreira Brecht, *et al.* Prazer e sofrimento no trabalho: perspectivas de docentes da enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**. Salvador, v.31, n.3, p:1-9, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/20297> Acesso em: 11 mai. 2021.
- GREGORIO, Andressa de Oliveira *et al.* “Segura tua mão na minha, pra fazermos juntos o que não posso fazer sozinha”: A experiência de um Conselho local de saúde. SANARE. **Revista de Políticas Públicas**. Sobral, v. 16, n.1, p:89-95, 2017. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1144> Acesso: 14 mar. 2021.
- LAZZARI, Daniele Delacanal *et al.* Entre os que pensam e os que fazem: prática e teoria na docência em enfermagem. **Texto Contexto em Enfermagem**. Florianópolis, v.28, p: 1-13, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0459> Acesso em: 21 jul. 2021.
- LESSARD, Claude. A Universidade e a formação profissional dos docentes: novos questionamentos. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 27, n.94, p:201-227, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000100010> Acesso em: 05 mai. 2021.
- MAGALHÃES, Elisandra Maria; FAÍTA, Daniel. A reconstrução do trabalho docente pela participação ativa e constante do professor no processo de (co)análise da própria atividade. **Laboreal**. v.16, n.2, p:1-23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/laboreal.17243> Acesso em: 05 mai. 2021.
- MILBRATH, Viviane Marten. **Criança/adolescente com paralisia cerebral: compreensões do seu modo de ser no mundo**. 179p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- PIRES, Joelma Lúcia Vieira. Condi(a)ção humana e liberdade. **Trans/Form/Ação**. Marília, v.38, n.3, p:25-42, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732015000300003> Acesso em: 14 dez 2020.
- RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- RODRIGUES, Andréia Maria dos Santos; SOUZA, Kátia Reis de. Trabalho e saúde de docentes de Universidade pública: o ponto de vista sindical. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v.16, n.1, p:221-241, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00104> Acesso em: 14 dez. 2020.
- RUZA, Fábio Machado; SILVA, Eduardo Pinto e. As transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso? **Revista Subjetividades**. Fortaleza, v.16, n.1, p:91-103, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.91-103> Acesso em: 10 mai. 2021.
- SANTOS, Fabiano Antônio de.; ZANARDINI, João Batista; MARQUES, Hellen Jaqueline. Desafios políticos, econômicos e sociais para os docentes na América Latina. **RPGE– Revista on-line de Política e Gestão Educacional**. Araraquara, v.24, n.1, p:794-815, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp1.13781> Acesso em: 10 mai. 2021.

SCHIO, Sônia Maria. A ética da responsabilidade em Arendt e Jonas. **Dissertação**. Pelotas, v.32, p:157-174, 2010. Disponível em: <https://DOI.ORG/10.15210/DISSERTATIO.V32I0.8747> Acesso em 14 dez. 2020.

SCHIO, Sônia Maria. **Hannah Arendt: história e liberdade: da ação à reflexão**. 2.ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012.

SCHIO, Sônia Maria. A Ética da Responsabilidade em Hannah Arendt. In: MACEDO, Aline Cardoso de Oliveira *et al.* **Educação profissional em destaque: filosofia em diálogo com outros saberes**. Santa Maria: NTE da UFSM, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/15834?show=full> Acesso: 14 dez. 2020.

SCHIO, Sônia. Maria. Hannah Arendt: política e/com justiça (ensaio). In: VEIGA, Itamar Soares. **Sociedade e ambiente: direito e estado de exceção**. Caxias do Sul, RS: Educs – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/livro/sociedade-e-ambiente-direito-e-estado-de-excecao/> Acesso: 14 dez. 2020.

SILVA; Mauro Sergio Santos da; XAVIER, Dennys Garcia. Hannah Arendt e o conceito de espaço público. **Profanações**. v.2, n.1, p:216-236, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.24302/prof.v2i1.856> Acesso em: 06 ago. 2020.

TERRA, Marlene Gomes *et al.* Fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur como referencial metodológico numa pesquisa de ensino em enfermagem. **Acta Paulista Enfermagem**. São Paulo, v.22, n.1, p:93-993, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002009000100016> Acesso 17 jun. 2020.

VIEIRA, Daniela Ribeiro do Vale da Silva; SIQUELLI, Sônia Aparecida; NETO, Armino Quillicci. A educação política, ética e histórica: possibilidades de compreensão da formação de professores. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, v.16, n.1, p:141-154, 2017. Disponível em: [10.14393/che-V16n1-2017-10](https://doi.org/10.14393/che-V16n1-2017-10) Acesso em: 13 ago. 2020.

ZAMBAM, Neuro José; FRÖHLICH, Sandro. Homo Politicus: A condição humana e o agir político segundo Hannah Arendt e Amartya Sen. **Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade**. Canoas, v.6, n.1, p:231-247, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/REDES.v6i1.4126> Acesso em: 18 ago. 2020.